

III SEMINÁRIO DE ESTUDOS SOBRE O PORTUGUÊS EM USO
06 A 08 DE NOVEMBRO DE 2018

MESA REDONDA 1

Linguística Cognitiva: estudos do português em uso

CONSTRUÇÕES GRAMATICAIS, METÁFORA E MESCLAGEM:
A COMUNICAÇÃO VERBAL COMO ATIVIDADE DE CORTE-E-COSTURA

Lilian Ferrari (UFRJ/CNPq)

Este trabalho investiga construções transitivas referentes à comunicação verbal, enfocando, em particular, construções transitivas baseadas na metáfora “Comunicação verbal é Atividade de Corte-e-Costura” (FERRARI, 2017). As referidas construções apresentam a estrutura [SN1 V SN2], em que SN1 codifica o falante, SN2 designa um produto têxtil e V pode ser instanciado por verbos referentes à corte-e-costura, tais como ‘costurar’, ‘alinhar’, entre outros (ex. “o político costurou/alinhou um acordo”). Adotando uma abordagem baseada no uso (GOLDBERG, 2016; DIESSEL, 2010), a pesquisa baseia-se em dados provenientes do Corpus NILC/São Carlos, que contém textos brasileiros do registo jornalístico, didático, epistolar e redações de alunos. O objetivo do trabalho é argumentar que as referidas construções de comunicação verbal constituem extensões metafóricas de construções transitivas literais, relacionadas a atividades têxteis, cujo significado é construído a partir de processos de mesclagem conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), envolvendo redes de escopo único e de duplo escopo.

REFERÊNCIAS

DIESSEL, H. *Usage-based construction grammar*. In Dabrowska e Divjak (eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015, pp. 1-24.

FAUCONNIER, G; TURNER, M. *Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L. *The Conduit Metaphor and beyond: verbal communication as needlework activity in Brazilian Portuguese*. Conference presented at the 6th International Conference on Metaphor in Language and Thought, UFBA, Salvador, 2017.

GOLDBERG, A. *Constructions at work. The nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press, 2006.

A EXPRESSÃO DO FUTURO NAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS DE PORTUGAL, BRASIL, ANGOLA, CABO VERDE, MOÇAMBIQUE, GUINÉ-BISSAU E SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Jussara Abraçado (PorUs/UFF/CNPq)

De acordo com Clyne (1992) e Delcourt; Muhr (2001), as línguas pluricêntricas são línguas com vários centros de interação, cada um fornecendo uma variedade nacional com pelo menos algumas normas próprias (codificadas). Entre as várias línguas pluricêntricas, estão as línguas europeias dos antigos povos colonizadores. Neste contexto, o português ocupa um lugar proeminente, entre outros aspectos, porque é língua nacional em Portugal e no Brasil, dois países geograficamente distantes, e língua oficial em ex-colônias portuguesas, como Timor-Leste, na Ásia, e Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, na África. Apoiada no conceito de línguas pluricêntricas, este trabalho dedica-se ao estudo da expressão do tempo futuro nas variedades do português de Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Dadas as diferentes possibilidades de expressar o tempo futuro em português, foram selecionadas as três formas mais frequentes, a saber: (1) verbo no tempo presente, ex: Eu viajo amanhã; (2) verbo ir no presente + verbo no infinitivo, ex.: Eu vou viajar amanhã; (3) verbo com marca morfológica de futuro, ex.: Eu viajarei amanhã. A proposta deste trabalho, teoricamente embasado na interface entre a Sociolinguística e Linguística Cognitiva, é a de analisar qualitativa e quantitativamente dados extraídos de amostras de manchetes e lides de jornais *on-line* portugueses, brasileiros, angolanos, caboverdianos, moçambicanos, guineenses e santomenses, para demonstrar: (i) que tais formas de expressão do futuro têm especificidades relativas ao contexto discursivo (como referência ao futuro próximo ou distante e a atividades programadas) e ao grau de certeza epistêmica do conceitualizador em relação à realização do evento; (ii) o uso dessas formas, no que diz respeito às especificidades referidas, tende a ser similar nas variedades investigadas.

Referências:

CLYNE, Michael (ed.) (1992): *Pluricentric Languages. Different Norms in Different Countries*. Berlin/New York. Mouton/de Gruyter.

DELCOURT, Christian; MUHR Rudolf (2001). *Les Langue Pluricentriques. Varietés nationales des langues européennes à l'intérieur et à l'extérieur de l'espace européen*. Numero thematique 79/2001 de Revue Belge de Philologie et Histoire. Fasc. 3: Langues et Litteratures Modernes.

CONSTRUÇÕES DE CLASSES FECHADAS EM PORTUGUÊS : EM VIRTUDE DA PRODUTIVIDADE

Profa. Dra. Maria Lucia Leitão de Almeida (UFRJ)

Este trabalho focaliza as preposições complexas (cf. KEWITZ et al, 2018; ALMEIDA et al, 2017), denominadas locuções prepositivas em nossa tradição gramatical, cujo estatuto é problematizado (MATTOSO, 1970; LEMLE, 1984). Revisitamo-las sob a

ótica da Gramática das Construções (cf. LANGACKER, 1987, 2008, 2009; LAMPER, LAMPER, 2010), propondo que essas construções sejam formadas por esquemas subtraídos de suas instanciações. Isolamos a estrutura P+P como prototípica – a que espelha a complexidade semântica da construção e analisamos a formação *em virtude de*, cotejando-a com a *em modo de*.

Referências:

ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; LEMOS DE SOUZA, Janderson. Prefixos, preposições e heterossemia. In: *Cadernos do NEMP*, nº 6, vol. 1, 2015.

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. *Figurative language*. Nova York: Cambridge University Press, 2014.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire etymologique de la langue latine*. 4. ed. Paris: Klincksieck, 2001.

FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: Linguistic Society of Korea (Ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982.

GÓIS, Carlos. *Dicionário de raízes e cognatos da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Paulo de Azevedo & Cia. Ltda., [1 ed., 1921] 1945.

ILARI, Rodolfo; CASTILHO, Ataliba de; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; KLEPPA, Lou-Ann; BASSO, Renato. A preposição. In: Rodolfo Ilari (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol. IV: palavras de classe fechada. São Paulo: Contexto, 2015.

KEWITZ, Verena; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; LEMOS DE SOUZA, Janderson; GONÇALVES, Carlos Alexandre. As preposições: aspectos históricos e usos atuais. In: Célia Lopes (Org.). *Mudanças sintáticas das classes de palavras*. São Paulo: Contexto, 2018.

LAMPERT, Martina; LAMPERT, Günther. Word-formation or word formation? The formation of complex words in cognitive linguistics. In: Alexander Onysko & Sascha Michel (Ed.). *Cognitive perspectives on word formation*. Berlim/Nova York: Walter de Gruyter, 2010.

LANGACKER, Ronald. *Investigations in cognitive grammar*. Cognitive linguistics research, 42. Berlim/Nova York: Walter de Gruyter, 2009.

_____. *Cognitive grammar: a basic introduction*. Oxford, Nova York: Oxford University Press, 2008.

_____. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Vol. I. Stanford: Stanford University Press, 1987.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, [1 ed, 1921] 2001.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge studies in linguistics 54, Cambridge University Press, 1990.

MESA REDONDA 2

Articulação de orações no português em uso: convergências e perspectivas

CONECTORES NO PORTUGUÊS EM USO: PARA ALÉM DA SENTENÇA

Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)

A descrição das várias normas de uso da Língua Portuguesa permite observar em que medida os dados empíricos correspondem ou não ao padrão estabelecido pelas gramáticas mais conceituadas e usadas no sistema educacional brasileiro, o que tem despertado o interesse de alguns investigadores. Apresenta-se, neste trabalho, uma descrição do comportamento de alguns conectores em uso no Português. Tal descrição justifica-se pelo fato de não haver estudos que comparem o quadro dos conectores apresentado pelas gramáticas normativas, por exemplo, com aqueles que efetivamente estão sendo usados pelos falantes/escreventes da tão decantada “norma culta padrão”. Nesta comunicação, adotando a proposta funcionalista, parto da premissa de que as orações subordinadas adverbiais são casos de hipotaxe e não de subordinação (cf. Matthiessen e Thompson: 1988; Decat: 2001). Considero ainda que tais estruturas são introduzidas por conectores. Abordarei apenas as hipotáticas comparativas, condicionais, concessivas, modais, consecutivas, finais e alguns de seus introdutores. Justifico tal opção por terem sido estas estruturas objeto de pesquisa de trabalhos desenvolvidos por mim, ou de que participei ou, ainda, que orientei no mestrado ou doutorado, cujos resultados me permitem traçar um panorama acerca do quadro de conectores mais prototípicos em uso no Português em cada uma delas. Por isso, os corpora são assistemáticos bem como o tratamento dos dados em que me pauto. Minha hipótese é a de que os conectores mais frequentes são os mais prototípicos, conforme já postulou Taylor (1992) e de que as inovações de uso atendem às necessidades informativas/interacionais do falante/escrevente. Os resultados demonstram que as inovações de uso constituem, na verdade, empregos de conectores já existentes na língua e que estão se comportando de forma diferente no cotexto e contexto (cf. Dahlet: 2006), ratificando a influência da gramaticalização na formação e explicação/compreensão do quadro dos conectores do Português (cf. Barreto: 1999) e sua polifuncionalidade. A descrição realizada permite ilustrar as normas de uso do Português do Brasil, às vezes, nem sempre percebidas pelos próprios falantes/escreventes, podendo ainda ajudar na abordagem do tema no ensino de Língua Portuguesa.

Referências:

- BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador: UFBA, 1999. Tese de Doutorado. 2 vol.
- DAHLET, Véronique. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

DECAT, Maria Beatriz N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In.: DECAT, Maria Beatriz N. et alii (Org.). *Aspectos da gramática do português*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

MATTHIESSEN, Christian; THOMPSON, Sandra. The structure of discourse and 'subordination'. In: Haiman, John; THOMPSON, Sandra. *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

CONSTRUÇÕES ADITIVAS NA PERSPECTIVA DA LFCU – ENTRE COORDENAÇÃO, HIPOTAXE E CORRELAÇÃO

Ivo da Costa do Rosário (UFF)

Segundo Halliday e Hasan (2002, p. 234), a adição é uma relação especial na formação do sistema semântico do texto, baseada na noção lógica da partícula *e*. Na tradição gramatical, constatamos algumas definições lacônicas e circulares por parte de alguns autores, como a de Cunha e Cintra (2001, p. 596), para quem as orações aditivas existem “se a conjunção é aditiva”. Para Kury (2003, p. 66), ocorre oração aditiva “quando os vários pensamentos coordenados estão simplesmente em sequência, sem o acréscimo de outra ideia”. O autor defende uma perspectiva de *adição pura*, sem amálgama de outros matizes, como também é a visão de Berndt *et al.* (1983, p. 306-307), que cunham o termo *combinação neutra*. Em obras mais antigas, outras ideias também são normalmente associadas à adição: *cópula* (SAID ALI, 1966) e *aproximação* (BUENO, 1963). Essas são noções que não dão conta da diversidade de usos reais da adição, muitas vezes restrita à tradicional coordenação sindética aditiva. Além da coordenação aditiva, classicamente veiculada pelo *e* (e pelo *nem*), defendemos também a existência de hipotáticas aditivas (instanciadas por *além de*) e também de correlatas aditivas (instanciadas por *não só... mas também* e pares correlativos conexos). Desse modo, as construções aditivas abrangem uma grande diversidade de expressões linguísticas que não se equacionam com a ideia simplista de combinação pura ou aproximação/cópula. Ao contrário, essas construções adjungem outros matizes semânticos e se singularizam na gramática da nossa língua. Diante dessas constatações, o objetivo do trabalho é apresentar a multifacetada expressão da adição em abordagem construcional (ROSÁRIO, OLIVEIRA, 2016) e demonstrar como a adição de sentenças funciona na variedade brasileira do português, em recorte sincrônico. O instrumental teórico-metodológico baseia-se na Linguística Funcional Centrada no Uso, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), Rosário e Oliveira (2016) e Oliveira e Cezario (2016). Os dados demonstram que a adição, de fato, é instanciada por múltiplas expressões no português do Brasil contemporâneo, que vão muito além do enquadre paratático/coordenativo proposto pelas gramáticas normativas.

Referências:

BERNDT, R. et al. *English Grammar: a university handbook*. Berlin: Verlag Enzyklopädie Leipzig, 1983.

BUENO, Silveira. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963.

- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. [S.l.]: Longman, 2002.
- KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 2003.
- LIMA, Mário Pereira de Souza. *Grammatica Expositiva da Língua Portuguesa para uso das escolas secundárias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZARIO, Maria Maura. (Orgs.) *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: EdUFF, 2017.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. In: *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016.
- SAID ALI, Manoel. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford, Oxford University Press, 2013.

AS CONSTRUÇÕES SUBJETIVAS AVALIATIVAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL, SOB UM VIÉS PANCRÔNICO

Nilza Barrozo Dias (PorUs/ UFF)

Este trabalho aborda as construções encaixadas completivas subjetivas avaliativas (doravante construções subjetivas avaliativas) no português do Brasil, numa abordagem centrada no uso, de base funcionalista, sob um viés pancrônico, e com contribuições da semântica cognitiva. A construção subjetiva é constituída de oração matriz seguida de sujeito oracional, a oração completiva subjetiva, numa ordem não marcada. Pretende-se investigar o modo como o falante escamoteia a expressão da subjetividade através da avaliação e da impessoalidade. A oração matriz com verbo em terceira pessoa do singular propicia uma análise morfossintática de unipessoalização (NEVES, 1996), uma não-pessoa; a seleção do adjetivo auxilia no posicionamento do locutário frente à informação veiculada na oração completiva subjetiva; a preferência por uma completiva subjetiva na forma não-finita ajuda na projeção de valor de impessoalidade da construção (LANGACKER, 2011); e toda a construção torna-se uma “ilha” de impessoalidade e de generalidade, cercada de manifestação de elementos linguísticos de experiência pessoal (DIAS e BRAGA, 2017). Além disso, verificaremos, nas amostras selecionadas, alguns dos domínios cognitivos (*chunking*, analogia, categorização e reanálise) propostos por Bybee (2016)

Referências:

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. SP. Cortez Editora. 2016.

DIAS, Nilza B. & BRAGA, M. Luiza. As construções subjetivas avaliativas. In: Funcionalismo Linguístico – vertentes e diálogos. Coleção Ensaaios/UFF. Oliveira e Cezário (organizadoras. 2017.

LANGACKER, Ronald. On the Subject of Impersonals. IN: *Cognitive Linguistics: convergence and expansion*. John Benjamim. 2011.

NEVES, M.H. A modalidade. IN: *Gramática do Português Falado*. KOCH (org.). Editora da Unicamp, 1996, volume 6, pp.163-195.

MESA REDONDA 3

Métodos de estudo da avaliação subjetiva e seus avanços

Nesta mesa, propõe-se a discussão de métodos de estudos desenvolvidos por três grupos de pesquisa. Em cada um deles, as pesquisadoras experimentaram caminhos para compreender o estatuto da variação do uso sob o ponto de vista da percepção do produtor e/ou do interlocutor. Esses modelos serão descritos e servirão de base para a discussão da aplicação no campo da Sociolinguística. Marcia dos Santos Machado Vieira explanará generalizações alcançadas por meio do Projeto *Predicar* com vistas à apreensão das funcionalidades semântica, discursiva, pragmática, social e cognitiva. Rosane de Andrade Berlinck propõe discutir os desafios impostos aos estudos desenvolvidos no bojo do Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara (*SoLAR*), quanto aos processos variáveis nos níveis morfossintático e sintático. Maria Célia Lima-Hernandes exporá dois métodos desenvolvidos a partir de estudos neurocientíficos para o estudo da avaliação da produção linguística e do uso linguístico. Limites e potencialidades de aplicação serão explorados pelas investigadoras.

A CONSTRUÇÃO LINGUÍSTICA DO SIGNIFICADO DA VARIAÇÃO SOB O VIÉS DE PESQUISA EXPERIMENTAL

Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)

Sob um prisma que se constrói com o aporte de orientações da Linguística Funcional-Cognitiva (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014 e 2017) e da Sociolinguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; ECKERT, 2012) para o estudo da variação e de sua relação com mudança, tenciona-se focalizar, na comunicação, aspectos de uma prática de investigação científica: a relação entre o espaço mental da avaliação subjetiva (e até intersubjetiva) e variantes linguísticas. E, na configuração dessa relação, busca-se lidar com o desafio e o benefício de apreender, metodologicamente, as funcionalidades semântica, discursiva, pragmática, social e cognitiva que a questão envolve (limites e potencialidades).

Na ótica teórica que se adota, a unidade mínima do sistema linguístico é a construção, uma unidade simbólica em que são pareados forma (fonética-fonológica, morfossintática e lexical) e significado/função (semântica, discursiva, pragmática, social e cognitiva). E a gramática é concebida, em linhas gerais, como uma rede de construções e ligações entre estas estocada na memória, que também é influenciada (reforçada, ajustada ou modificada) pela experiência de uso linguístico situado. Nessa ótica, associações forma-significado/função são complexas por natureza e têm alto potencial de variar entre contextos e indivíduos. Isso significa que, em cada ocasião de instanciação (ativa e/ou passiva) de uma construção, o usuário da língua acessa o conhecimento estruturado e estocado a partir de experiências de uso em diversos contextos discursivo-pragmáticos e sócio-histórico-culturais.

Para a consecução do propósito desta comunicação nos limites de uma mesa-redonda, recorrer-se-á a generalizações alcançadas, no âmbito do Projeto PREDICAR – Formação e expressão de predicados complexos, sobre a questão, à qual sua equipe se vem dedicando desde algum tempo (cf., por exemplo, MACHADO VIEIRA & ESTEVES,

2009: p. 237-266). E, também, cogita-se tratar da conexão de alguns construtos teóricos em jogo na temática envolvida na pesquisa experimental do tipo *off-line*, tais como: cognição, emoção, crença, atenção, produção e/ou percepção, avaliação e atitude linguística. O referencial teórico para tanto delinea-se a partir, dentre outras obras, de Fasold (1987) e Gonzalez-Marquez et al. (2006).

Referências

- ECKERT, Penelope. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. *Annual Review of Anthropology*. Vol. 41, p.87-100, 2012.
- FASOLD, Ralph. *The Sociolinguistics of Society*. vol. I. New York, USA: B. Blackwell. p. 147-179. [1984]
- GONZÁLEZ-MARQUEZ, Monica et al. *Methods in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins P. C, 2006.
- HILPERT, Martin. Construction grammar and its application to English. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014. cap. 8 Language, variation and change (p. 179-201).
- _____. Historical Sociolinguistics and Construction Grammar: From mutual challenges to mutual benefits. In: Säily, Tanja, Arja Nurmi, Minna Palander-Collin & Anita Auer (eds.). *Exploring Future Paths for Historical Sociolinguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2017, p. 217-237.
- MACHADO VIEIRA, Marcia dos S. & ESTEVES, Giselle A. T. Metodologia de avaliação subjetiva de usos linguísticos em variação. LOPES, Célia & REICH, Uli (eds.) *Neue Romania: Variação Linguística em Megalópoles Latino-Americanas*. Vol. 39, p. 237-266, 2009.
- TRAUGOTT, Elizabeth C.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin I. (1968). Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press. p. 97-195.

PERCEBENDO A VARIAÇÃO: DESAFIOS E CAMINHOS

Rosane de Andrade Berlinck (Unesp/Araraquara; CNPq)

Podemos entender *percepção* em um sentido fisiológico-cognitivo – o modo como decodificamos e interpretamos uma mensagem verbal. A essa camada de percepção pode se somar a denominada *percepção sociolinguística*, que implica na interpretação pautada em crenças e avaliações associadas com a expressão, reflexos/efeitos do jogo de forças sociais que define cada comunidade e da imagem que construímos do outro na interação. Tanto em seu sentido fisiológico-cognitivo como social, é natural pressupor que, assim como a *produção*, a *perc*

epção tenha consequências sobre a “organização” da variação e sobre os possíveis caminhos de mudança que um processo variável pode tomar, ou seja, seu encaixamento na estrutura linguística e social e seu *status* (estável ou não).

Sua reconhecida importância, porém, não encontrou o mesmo espaço de pesquisa que a *produção* desde o início dos estudos sociolinguísticos. A *avaliação subjetiva*, apresentada como um dos problemas empíricos a serem resolvidos no estudo da mudança linguística e, conseqüentemente, por uma teoria da mudança (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968), foi entendida, então, na perspectiva do *status* dos falantes e das formas por eles

produzidas – um modelo baseado no prestígio social – e, metodologicamente, medida pelo grau de atenção dado à própria fala. Essa visão dominou os estudos hoje denominados de 1ª onda. Como o movimento que, primeiramente, retoma o olhar etnográfico sobre os fenômenos (estudos de 2ª onda) e, depois coloca o indivíduo e o grupo como agentes da construção de suas identidades ao explorar, entre outros recursos, as potencialidades estilísticas da linguagem verbal (estudos de 3ª onda) (ECKERT,2012), o modo de perceber o outro e sua fala passa a ser pensado como um processo que não depende exclusivamente do pertencimento a uma classe, mas inclui também valores localmente definidos.

Entre o olhar macrosocial e as microcategorias sócio-individuais, ou na articulação dos dois, a identificação das ideias e valores em jogo na variação e na mudança passa pela elaboração de instrumentos e estratégias que permitam recolher de forma sistemática essas impressões e estabelecer correlações com os fatos de produção (CAMPBELL-KIBLER,2009). Os estudos sobre o português que têm investido nesse caminho são relativamente recentes (OLIVEIRA,2011; MENDES, OUSHIRO,2016). Proponho contribuir para essas discussões, refletindo sobre os desafios teórico-metodológicos impostos por essas investigações a partir de estudos sobre processos variáveis nos níveis morfossintático e sintático desenvolvidos no âmbito do *SoLAR*–Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara.

Referências

- CAMPBELL-KIBLER,K. The nature of sociolinguistic perception. *Language Variation and Change*, 21,2009.p.35-156.
- ECKERT,P. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. *Annual Review of Anthropology*.Vol. 41,p.87-100,2012.
- MENDES,R.B.;OUSHIRO,L. (orgs) Dossiê Percepções sociolinguísticas e atitudes: os significados sociais da variação. *Todas as Letras–Revista de Língua e Literatura*, v.18, n.2,2016.
- OLIVEIRA,J.M. A variação do future verbal em português: teste de percepção/atitude na cidade de Faria de Santana – BA. *Tabuleiro de Letras*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens. Universidade do Estado da Bahia, n.3, 2011.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMAN,W. P.; MALKIEL,Y. *Directions for Historical Linguistics – A Symposium*. Austin-London: University of Texas Press,1968. p.95-199.

PERCEPÇÃO E CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA: DOIS MÉTODOS DE APREENSÃO.

Maria Célia Lima-Hernandes (PORUS-UFF/USP)

Quando pensamos em avaliação e atitudes avaliativas sobre condutas, logo imaginamos se tratar de tema associado exclusivamente ao campo da Psicologia, que lida com relações humanas. Ocorre que, mesmo isolando condutas, nada pode ser estudado ou descrito eficientemente se não se atentar para a linguagem produzida. São objetos científicos como esses que causam desconforto ao pesquisador. Linguistas temem avançar o sinal quando a materialização fônica de um sistema linguístico não estiver em questão e psicólogos rejeitam lidar com linguagem se esta não for puramente meio de

alcançar processamentos mentais. Esses limites mantiveram-se impostos às duas ciências até que os avanços das Neurociências desfizessem fronteiras.

Mais recentemente, linguistas e psicólogos passaram a dialogar com base em postulados neurocientíficos, como foi o caso da tese de Damásio sobre os níveis de consciência (2011). As reflexões produzidas por ele e o modelo de consciência tripartida impactou trabalhos da Linguística, como os de Defendi (2013), Vicente (2014) e Ribeiro (2014). Mais recentemente, Krumm (2003, 2010, *apud* Kuhlmann, 2018), um pesquisador alemão, passou a estudar as avaliações por meio de um método pictórico, a que nomeou Retratos Linguísticos. Esse método favoreceu que os estudos sobre línguas de herança dessem um passo além em seus avanços. Foi o que Kuhlmann (2018), dentre outros, demonstrou com o estudo de refugiados e sua percepção valorativa de línguas materna (LM), de acolhimento e de herança (LH), pois esse método permite focalizar que tipo de relações psicoafetivas o refugiado estabelece com as línguas de uso. Esta comunicação objetiva, em suma, apresentar esses dois métodos empregados por pesquisadores do Grupo de Pesquisa Linguagem e Cognição para estudar a linguagem produzida por falantes de LH e por falantes de LM. Imaginamos que eles possam abrir discussões produtivas sobre uma possível transposição metodológica para os estudos sociolinguísticos.

Referências

DAMÁSIO, A. R. *E o cérebro criou o homem*. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEFENDI, Cristina Lopomo. *Portanto, conclui-se que: processos de conclusão em textos argumentativos*. Tese de doutoramento. São Paulo: USP, 2013.

KUHLMANN, Mariana Corallo Mello de Azevedo. *Os fios de Ariadne: um estudo sobre retratos e valores linguísticos no contexto do refúgio*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2018.

RIBEIRO, Marcello. *Tudo que existe, das maravilhas a catástrofes é resultado de algum trabalho, uma vez que ele não se limita apenas ao homem, mas, sim, a todo o universo: o papel da correlação inovadora, um exercício cognitivo?* Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2014.

VICENTE, Renata Barbosa. *Iniciar é abstrato? É o lugar, é o tempo, é o espaço do caos cognitivo*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2014.